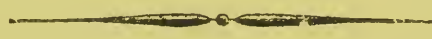


29

*Souza Marques*  
A. Mui. M. D. A. M. Barbosa *offerece e collega em*  
*Delegação*



FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.



THÈSE

DE

*America de Souza Marques.*

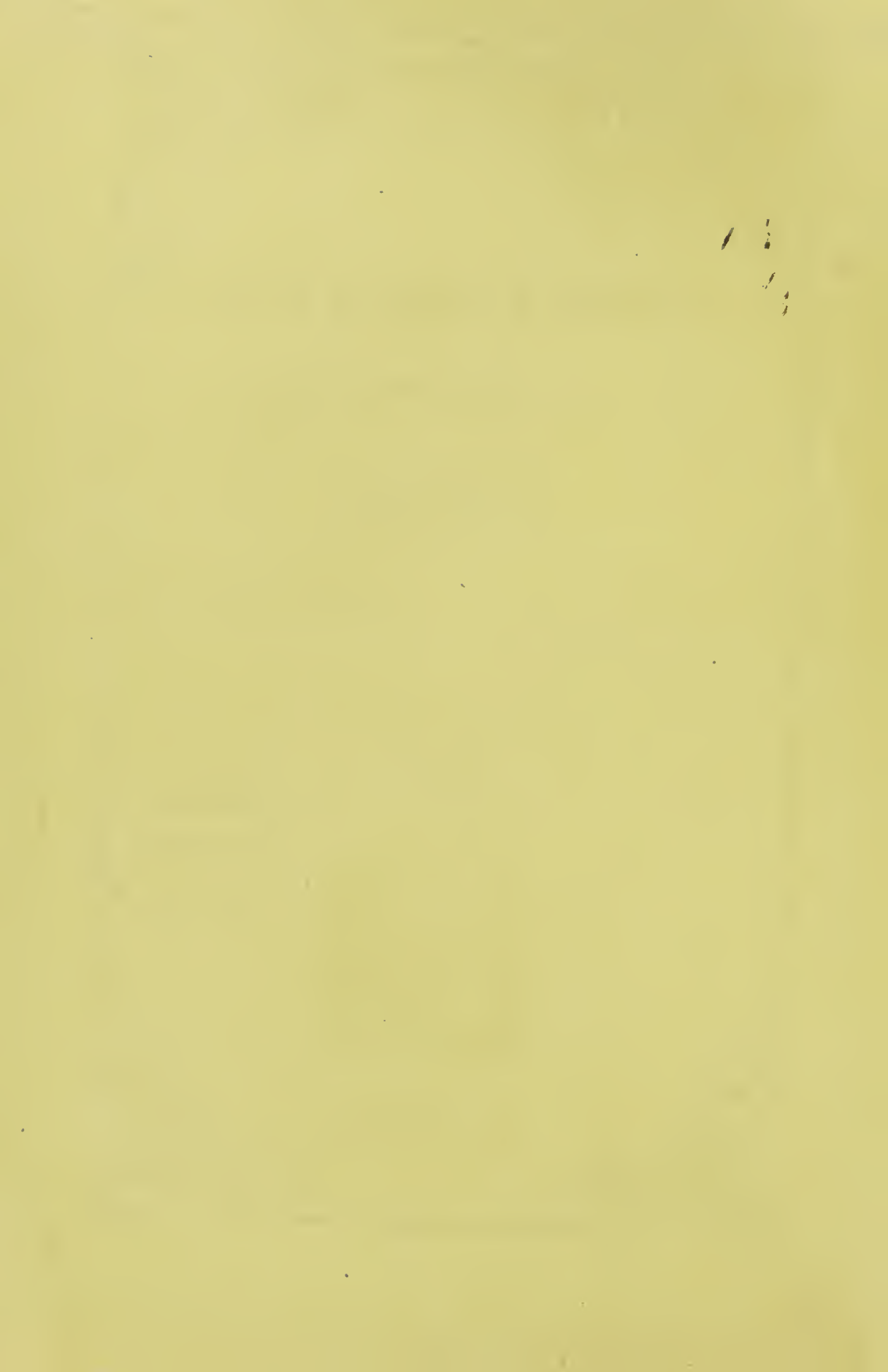


1864.

ARMY  
MEDICAL  
JAN 28 1935  
LIBRARY



INDEXED



# THÈSE

QUE SUSTENTA

EM NOVENBRO DE 1864

PARA OBTER O GRÃO DE DOUTOR EM MEDICINA

PELA

## FACULDADE DA BAHIA

*Americo de Souza Marques,*

NATURAL DESTA PROVINCIA,

Filho legitimo do Dr. Pedro de Sousa Marques, e D. Maria Carolina  
de Sousa Marques.

Dans l'exercice de son art, le medecin doit ne voir que l'homme, et ne faire aucune difference entre les grands et les petits. Celui qui souffre plus celui qui court le plus de danger, doit l'importer sur les autres, quelle que soit d'ailleurs sa condition.

(Huffeland.)



### BAHIA:

TYPOGRAPHIA DE EPIPHANIO PEDROZA

Rua dos Capitães n.º 49.

1864.

# FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA.

## DIRECTOR

O Exm. Sr. Cons. João Baptista dos Anjos.

VICE-DIRECTOR—O EXM. SNR. CONS. VICENTE FERREIRA DE MAGALHÃES

### LENTES PROPRIETARIOS.

OS SRS. DOUTORES	1.º ANNO.	MATERIAS QUE LECCIONA
Cons. Vicente Ferreira de Magalhães . . . . .	}	Physica em geral e particularmente em suas applicações a Medicina.
Francisco Rodrigues da Silva . . . . .		Chimica e Mineralogia.
Adriano Alves de Lima Gordilho . . . . .		Anatomia descriptiva.
2.º ANNO.		
Antonio de Cerqueira Pinto . . . . .	}	Chimica organica.
Antonio Mariano do Bomfim . . . . .		Physiologia.
Adriano Alves de Lima Gordilho . . . . .	}	Botanica e Zoologia.
		Repetição de Anatomia descriptiva
3.º ANNO.		
Elias José Pedrosa . . . . .	}	Anatomia Geral e Pathologica.
José de Goes Siqueira . . . . .		Pathologia Geral.
		Continuação de Physiologia.
4.º ANNO.		
Cons. Manoel Ladisláo Aranha Dantas . . . . .	}	Pathologia externa.
Alexandre José de Queiroz . . . . .		Pathologia interna.
Mathias Moreira Sampaio . . . . .	}	Partos, molestias de mulheres pejudas e de meninos recém-nascidos.
5.º ANNO.		
Alexandre José de Queiroz . . . . .	}	Continuação de Pathologia interna.
José Antonio de Freitas . . . . .		Anatomia topographica, Medicina operatoria, e apparatus.
Joaquim Antonio d'Oliveira Botelho . . . . .		Materia Medica e Therapeutica.
6.º ANNO.		
Antonio José Ozorio . . . . .	}	Pharmacia.
Sallustiano Ferreira Souto . . . . .		Medicina legal.
Domingos Rodrigues Seixas . . . . .		Hygiene e Historia de Medicina.
Antonio José Alves . . . . .	}	Clinica externa do 3.º e 4.º anno.
Antonio Januario de Faria . . . . .		Clinica interna do 5.º e 6.º anno.

### LENTES OPPOSITORES.

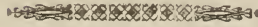
Rozendo Aprigio Pereira Guimarães . . . . .	}	Secção Accessoria.
Ignacio José da Cunha . . . . .		
Pedro Ribeiro de Araujo . . . . .		
José Ignacio de Barros Pimentel . . . . .		
Virgílio Clináco Damazio . . . . .		
José Affonso Paraiso de Moura . . . . .	}	Secção Cirurgica
Augusto Gonçalves Martins . . . . .		
Domingos Carlos da Silva . . . . .		
Antonio Alvares da Silva . . . . .	}	Secção Medica.
Demetrio Cyriaco Tourinho . . . . .		
Luiz Alvares dos Santos . . . . .		
João Pedro de Cunha Valle . . . . .		
Jeronymo Sodrê Pereira . . . . .		

SECRETARIO—O Sr. Dr. Cincinnato Pinto da Silva.

CHefe DE DA SECRETARIA—O Sr. Dr. Thomaz d'Aquino Gaspar.

A Faculdade não approva, nem reprova as idéas emitidas nestes livros que lhe são apresentadas.

# PONTOS.



## DISSERTAÇÃO.

**Pathogenia e tratamento da dysenteria.**

## PROPOSIÇÕES.

### **SECÇÃO ACCESSORIA.**

**Ha signaes certos de prenhez? Em que casos e com que fundamentos póde o medico legista assegurar que a mulhernão está grávida?**

### **SECÇÃO MEDICA.**

**Accção physiologica e therapeutica das preparações iodadas.**

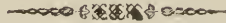
### **SECÇÃO CIRURGICA.**

**Origem séde e ruido de producção de sopro de folle, que se ouve no ventre das mulheres pejadas.**





# INTRODUÇÃO.



**N**ÃO temos em mira alargar o horizonte de nosso humilde escripto até ás regiões philosophicas da sciencia medica, estabelecendo divisões e subdivisões dos diversos pontos da pathologia, e penetrando assim o grande theatro das differentes classificações.

Não: porque fora talvez sobrecarregar-nos de trabalho desmedido na sciencia critica e dogmatica da medicina, na sciencia em todas as suas relações com a molestia, na medicina em sua origem e no seu desenvolvimento successivo, trabalho por demais arduo, exigindo a cada passo a applicação da logica mais rigorosa á racionalidade daquellas divisões.

Examinar com criterio a molestia em sua marcha lenta ou rapida, em sua duração longa ou curta, instantanea ou indefinida, nas suas mudanças, substituições e sympathias, e exprimir ainda um juizo critico sobre sua terminação variada e numerosa e sobre a multiplicidade de elementos, que a compõe, é tarefa que compete áquelles escriptores reflectidos e provecos, que ricos de cabedal scientifico e de instrucção sufficiente para analysar os principios que deram a cada epocha da medicina luz diversa, póderam registrar mais uma vez o fructo sempre sasonado de seus conhecimentos.

E, pois, procuramos o que nos pareceu mais simples, mais circumscripto e mais compativel com as debeis forças do estudante desconhecido, que não logrando uma saude vigorosa, mal pôdia seguir os passos apressados das materias leccionadas e abrir de momento esta ou aquella pagina de algum livro, que era logo deixada pela precipitação do tempo.

Procuramos um terreno limitado, onde pódessemos com debil mão arrastar o arado na superficie, e ahi plantar o tenue cereal.

Escolhemos um ponto acanhado no grande mundo da pathologia; e

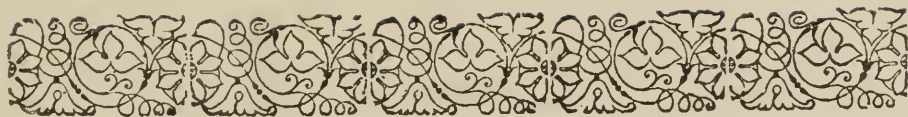
apezar da estreiteza do espaço em que pretendemos abrigar nossa intelligencia ainda em flor, tememos com tudo que nem assim fiquemos isento de provar nossa fraqueza.

Preferimos uma molestia para dissertar sobre ella, afim de nos cingirmos á descripção de sua physionomia, suas causas, natureza e tratamento; e apezar de tudo luctamos com as grandes difficuldades que se ligam ao nosso ponto, como sejam as explicações das causas morbificas que occasionam a desordem, bem assim a natureza do mal sobre que escreveremos.

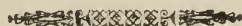
E por mais que quizessemos fugir ao difficil, eis-nos ahi sem pódermos recuar e na rigorosa obrigação de entrar na materia que adoptamos, isto é, Pathogenia e tratamento da dysenteria.







# DISSERTAÇÃO.



## CAPITULO I.

### Definição e divisão.

A dysenteria é uma affecção caracterizada pelo desejo quasi continuo de defecar, por colicas mais ou menos intensas, por uma sensação de calor e pezo acima do anus, acompanhada de evacuações muco-sanguinolentas pouco abundantes, secretadas pelos folliculos intestinaes.

Dividiremos a dysenteria em aguda e chronica, em benigna e grave, sporadica, endemica e epidemica.

## II.

### Etiologia.

D'après les relations que nous venons de rapporter, nous voyons que la dysenterie se manifeste dans tous les climats, dans toutes les saisons, qu'elle n'épargne ni âge, ni sexe, ni condition; de sorte qu'il est impossible de lui assigner une cause première bien déterminée. (*Osanam. Hist. des malad. epidemiques.*)

A dysenteria, obscura em sua etiologia, como em sua pathogenia, ha sido o estudo serio de eminentes pathologistas desde Hippocrates té os nossos contemporaneos.

Diversas tem sido as causas, ou antes méras presumpções, creadas para explicar o seu desenvolvimento; e embora algumas sejam triviaes, não deixaremos de mencional-as.

### **Edades.**

Como em algumas epidemias de dysenterias, quaes as que reinaram em Leão nos annos de 1607, 1624, e 1625, fossem quasi exclusivamente atacadas as crianças, quizeram alguns pathologistas attribuir a esta idade maior predisposição a contrahil-a, não reconhecendo elles, que em muitas epidemias semelhantes foram outras edades as mais predispostas: além de que certas circumstancias epidemicas poderiam imprimir um caracter particular.

### **Constituições e temperamentos.**

A constituição forte e o temperamento sanguineo, que alguns tambem consideram como causas predisponentes, não pôdem ser admittidas por nos, visto serem indifferentemente accommettidos não só os dotados daquelle temperamento e constituição, como tambem os de constituição fraca e de temperamento lymphatico.

Concordamos somente que os diversos temperamentos e constituições possam imprimir na molestia formas differentes.

### **Climas.**

Apezar do pequeno valor que temos dado ás causas ácima mencionadas, não deixamos de reconhecer a influencia climaterica na manifestação da dysenteria: é por sem duvida nos paizes intertropicaes, que ella se desenvolve endemicamente, e onde as epidemias são mais frequentes e graves. Se quizerdes ver a nossa asserção justificada, abri em qualquer tractado de pathologia as paginas consagradas á etiologia da dysenteria, e vereis citados os paizes em que ella estende os seus desoladores estragos, como a Africa, a Asia e as Antilhas, verdadeiros theatros de devastação.

### **Estações.**

Entre 50 epidemias que se manifestaram na Europa, assignaladas por Osanam em seu tractado das molestias epidemicas, vê-se que trinta e seis appareceram no estío, doze no outomno, uma no inverno e outra na primavera.

Annesley, que por espaço de 27 annos dedicou-se ao estudo das molestias dos paizes quentes, observou que em Bengala, do anno de 1820 a 1825, foram accommettidos 13000 individuos, sendo 7000 na estação quente e humida, 4500 na estação quente e secca, e 2400 na estação fria. A vista destes factos nenhuma duvida ha que o outomno e o estio representam um papel importantissimo na etiologia da dysenteria.

### **Outras causas.**

O abuso dos purgativos drasticos, dos fructos, de bebidas alcoolicas, o resfriamento rapido, o frio humido, as fadigas excessivas, e as affecções moracs chamadas tantas vezes em soccorro para explicar o apparecimento de muitas epidemias de dysenteria, sobretudo as que tantas victimas teem feito nos exercitos, não pódem jamais ser consideradas como causas immediatas.

A habitação nos logares baixos e humidos, o ar não renovado, o accumulo de um grande numero de pessoas em um espaço limitado e a alimentação de substancias deterioradas e de má qualidade, são circumstancias, que muitas vezes favorecem o seu desenvolvimento.

O calor excessivo, as mudanças rapidas de temperatura, as noites frias, precedidas de dias quentes, são tambem causas de um valor imenso, e que parecem muito concorrer para o seu desenvolvimento.

Factos innumerados demonstram que tanto as epidemias, como as endemias de dysenteria, são mais frequentes nos paizes, em que ha transições rapidas de calor ao frio. A esta causa é que se attribue a sua maior frequencia na Bohemia, Galisia, Moldavia e na Sardenha, paizes em que aos dias quentes succedem noites frigidissimas. É ainda ás variações constantes que dam-se na ilha de Ceylão, na Batavia e Java, que se referem as frequentes endemias de dysenteria.

### **Miasmás e effluvios.**

Si ha molestia que mais tenha reinado epidemicamente em quasi todo globo, e devastado tantos exercitos e armadas, é de certo a dysenteria, cujas causas muitas vezes passariam desaperecidas, se desconhecemos a influencia real, que exercem os miasmás e os effluvios em sua manifestação.

A sciencia possui factos inecontestaveis que demonstram a toda luz a acção miasmatica e effluvia. Pringle observou que um medico foi atacado de dysenteria por haver inspirado as emanações desprendidas de um frasco que continha sangue putrefeito. Chomel tambem viu muitos dos seus estudantes accommettidos por terem praticado a autopsia de um cadaver asphixiado em uma latrina. O Barão Degenettes foi victima das emanações da pelle de um grande veado. Em face destes e outros innumeros factos tão concludentes, de certo não se poderá negar a influencia miasmatica.

Vejamos si os effluvios tambem pôdem determinal-a.

Cambay observou na Algeria e em muitas outras localidades, em que eram mui frequentes as febres intermittentes, a associação da dysenteria com estas febres. Mæscot e Follet tambem notaram immensos casos de febres intermittentes e remittentes em uma epidemia de dysenteria, que devastou Versailles no anno de 1842, observando elles que antes e durante a crise epidemica reinava o vento leste, em cuja direcção havia muitas localidades pantanosas. Si é real a influencia miasmatica e effluvia, não admira que as epidemias e endemias de dysenteria sejam mais frequentes nos paizes intertropicaes, onde encontram-se condições mais favoraveis á decomposição das substancias animaes e vegetaes.

### **Contagio.**

A etiologia da dysenteria prende-nos a tractar da grave questão do contagio. Difficuldades immensas encontraremos toda vez que quizermos traçar limites entre as molestias infecciosas e as contagiosas; por quanto factos que nos pôdem servir de base para distinguil-as, quasi sempre são observados nos fócos epidemicos, onde todos os individuos estão expostos á impressão morbifica das mesmas causas. Os archivos da sciencia não possuem facto algum que possa fazer-nos crer na possibilidade do contagio da dysenteria sporadica: já o mesmo não succede com a epidemica, que tem sido considerada contagiosa por eminentes authoridades, como Pinel, Degner, Lind, Zimmermann, Cullen, Hoffman, Franck, Coste, Gilbert e muitos outros medicos, que a tem observado nos paizes intertropicaes: outros, porém, como Stoll, Cambay, Fournier, Vaidy não a julgam contagiosa. Grisolle, Parmentier e Rostan pensam que ella possa, em certas e determinadas circumstancias, como o accumulo de muitos doentes em uma sala estreita, tornar-se



contagiosa. Emittindo a nossa humilde opinião, pensamos que o contagio da dysenteria epidemica é hoje um facto incontestavel, e que ella é uma molestia infecto-contagiosa.

### III.

#### Symptomatologia.

Variando a symptomatologia da dysenteria aguda em sua forma, frequencia e gravidade segundo reveste-se da forma benigna, ou grave, devemos para mais facilitar a sua descripção tratar dos symptomas da dysenteria benigna distinctamente dos da dysenteria grave.

A dysenteria benigna algumas vezes é precedida de prodromos, taes como displicencia, horripilações, colicas, e perturbações degestivas, phenomenos precursores, cuja duração varia de um a cinco dias: outras vezes, porém, apresenta-se desde o começo de sua invasão com todos os symptomas que a caracterizam. Assim vê-se o doente queixar-se de dôres vagas no abdomem, de intensidade variavel augmentando pela pressão; a principio estendendo-se a quasi toda esta região, pouco a pouco limitam-se ao *s iliaco* e ao recto: o doente accusa um peso insupportavel no perinêo e ainda mais a sensação de um corpo estranho no anus, que obriga a fazer grandes esforços para defecar, e admirã-se quando após tantas dôres e esforços vê a diminuta quantidade de materias fecaes por elle expellida. Estas a principio em parte estercoraes e mucosas e com algumas strias de sangue, mais tarde são mucosidades mais ou menos sanguinolentas, floconosas, misturadas muitas vezes de falsas membranas e coagulos sanguineos, que atravessando o anus produzem a sensação de calor e prurido excessivo. As materias evacuadas no começo quasi sempre sem cheiro, tornam-se depois de alguns dias muito fetidas: as dejeções sendo ordinariamente de dez a doze em 24 horas, algumas vezes pôdem chegar até 60: augmentam-se não só pelo menor movimento e pela ingestão de bebidas, mas tambem consideravelmente á noite de modo a impossibilitar o doente de dormir.

A irritação do recto ás vezes communica-se á bexiga, determinando dôres no collo e tenesmos caracterizados pelo desejo constante de orinar. Nas mulheres a irritação tambem pôde estender-se á vagina, dando logar a um corrimento mucoso.

As paredes abdominaes são quentes, pastosas, e dolorosas á pressão, sobretudo no trajecto do *s iliaco* e do recto; e pela palpação nota-se gargarejo na fossa iliaca esquerda.

São estes os symptomas locais que de comecumitancia com os geraes acompanham a dysenteria benigna.

A face alterada e pallida exprime soffrimento; a lingua esbranquiçada ou amarellada, larga e humida, sêde intensa; appetite diminuido; a pelle descorada e fria; o pulso, a não ser na forma inflammatoria, é pequeno e acelerado, ás vezes regular, outras vezes lento; as forças prostram-se; e quando a molestia, percorrendo todo seu periodo, chega a este estado, termina-se favoravelmente ou passa ao estado grave.

## IV.

### **Da dysenteria grave.**

A dysenteria grave, tambem denominada pelos authores *asthenica putrida e maligna*, é a que mais vezes reina epidemicamente nos paizes intertropicaes, nos campos de batalha e nos navios; é a que os Srs. Fournier, Vaydi e Trousseau consideram mais fatal do que a febre amarella, o typhus e a peste.

Esta forma de molestia, que quasi sempre declara-se desde principio com todo cortejo de symptomas graves, pôde tambem succeder á forma benigna.

De qualquer modo que manifeste-se a dysenteria grave, phenomenos morbidos funestissimos observam-se. O doente accusa dôres atrozes no ventre, quasi constantes, sobretudo ao redor do umbigo e no trajecto do grosso intestino, e na parte inferior do recto a sensação de um corpo pesado, de sorte que desejando expellil-o, faz grandes e dolorosos esforços, em consequencia do que ha excreção de uma pequena quantidade de mucosidade sanguinolenta de natureza acre, que ao franquear o anus produz dôres agudissimas e um prurido incommodo.

O excessivo numero das dejecções torna-se á noite mais frequente, e como observou Zimmermann, pôde em poucas horas exceder a 200. As materias evacuadas são sero-mucosas, de cor variavel, ora verdes, escuras, ora anegradas, puriformes; depois de alguns dias assemelham-se á lavagem de carne, e exhalam um cheiro insupportavel: segundo Stoll este caracter indica quasi sempre a gangrena dos intestinos.



Ellas são misturadas ás mais das vezes de materias fecaes endurecidas, de coagulos sanguineos, de falsas membranas e porções cylindricas desprendidas da mucosa intestinal.

Os symptomas gêraes são em relação com a gravidade dos locaes.

A sêde é intensa e não pôde ser satisfeita, porque a menor quantidade de liquido ingerida provoca immediatamente vomitos e dejeções: o appetite desaparece, a lingua apresenta-se secca e aneegrada, a face pallida e desfigurada indica grandes soffrimentos, a pelle quente e secca, algumas vezes é rugosa: o ventre flacido e muito sensivel á pressão, principalmente no tracto do *s iliaco*, é em muitos casos tenso e abaulado e tambem sêde de um calor excessivo: as extremidades são frias: o pulso frequente e duro a principio, nos ultimos dias da vida torna-se lento, molle e irregular: a ourina rara e sedimentosa é acompanhada em sua expulsão de dôres e tenesimos: hemorrhagias intestinaes apparecem: o emmagrecimento faz rapidos progressos; as forças abatem-se e ás vezes, apesar de todo este cortejo de symptomas graves, as faculdades intellectuaes conservam-se intactas.

A dysenteria pôde apresentar-se sob formas differentes, segundo predominam certos symptomas. Si predominam os symptomas biliosos, eis a forma biliosa de Stoll: si os da febre inflammatoria, eis a inflammatoria.

As formas adynamicas e ataxicas são as mais communs na molestia que descrevemos.

A prostração rapida e extrema das forças, a appareção de fuligens nas gengivas e nos dentes e de petechias no corpo, o estado de secura e a côr aneegrada da lingua são symptomas que annunciam a forma adynamica.

O estado de agitação, de delirio, a carphologia, os tremores geraes, os sobresaltos de tendões, as paralysias parciaes e o estado comatoso denunciam a fórma ataxica.

Quando esta molestia tem de terminar-se pela morte, phenomenos morbidos outros apresentam se. A face torna-se Hippocratica, a lingua, as gengivas e os dentes são invadidos de fuligem, a mucosa bucal cobre-se de aptas e ulcerações, a lingua torna-se secca e denegrada, a pelle resfria-se e suores viscosos a humedecem, o pulso torna-se lento e miseravel, o resfriamento augmenta-se, soluços sobreveem, a respiração accelera-se, e no meio destes symptomas tão funestos succumbe o doente.

Si a dysenteria, porém, termina-se pelo restabelecimento da saude,

todos os symptomas graves arrefecem-se, as colicas e as dejeções diminuem de frequencia e de intensidade, tornam-se diarrheicas: o pulso de filiforme e miseravel que era, torna-se cheio e regular: reanima-se o calor da pelle, reaparece o appetite, e em dias mais ou menos variaveis restabelece-se o doente.

## V.

### **Da dysenteria chronica.**

Durante ás epidemias e ainda depois de 15 a 20 dias de sua invasão, é que principalmente tem logar a passagem ao estado chronico, mormente nos estrangeiros já aclimatados nos paizes quentes.

Nesta forma da dysenteria tambem manifestam-se dôres abdominaes, tenesmos e dejeções menos sanguinolentas, do que no estado agudo, mui fetidas, de character seroso, e purulento, contendo ás vezes detritos membranosos. O numero destas dejeções é ordinariamente de 10 a 12: o ventre ora tenso, duro e meteorizado, ora é retrahido para o rachys: a pelle arida e secca, a lingua esbranquiçada ou amarellada, o pulso pequeno, imperceptivel: algumas vezes é excessiva a anorexia; outras vezes o appetite é devorador, o que é uma das causas que mais concorrem para o prolongamento desta molestia, quando ha abuso: o corpo infiltra-se de serosidade, um apparelho febril de typo intermitente apparece, e depois da duração de um a dois mezes succumbe o doente no maior marasmo.

## VI.

### **Das complicações da dysenteria.**

Não nos occuparemos das diversas molestias como as anginas, as affeições cutaneas exanthematicas, as hemorrhoidas e o rheumatismo, mencionadas pelos authores como complicações da molestia que descreveremos; porque não as consideramos como taes, e sim meras coincidencias: apenas trataremos da hepatite, das febres intermittentes e das remittentes, que são as mais frequentes nos paizes quentes, segundo observou o Dr. Macpherson em Calcutá, Monthead em Bombay,

Cambay e Catteloup na Africa, Annesley nas Indias Orientaes, e no Brasil os Srs. Drs. Sigaud, Valladão e Pereira Rego.

A hepatite é a complicação mais ordinaria a ponto, que o Dr. Macpherson, encarregado do hospital de Calcutá, diz ter verificado pela autopsia em 150 doentes mortos de dysenteria, o figado alterado em 84, contendo abscessos 21, e conjestionados 40. Tambem notou que os abscessos existiam em maior numero na dysenteria chronica do que na aguda, e que nesta o figado era sempre augmentado de volume e brando, em quanto que naquella ordinariamente era pequeno e endurecido.

De trez modos pôde manifestar-se a complicação hepatica.

Ora é consecutiva á dysenteria, o que é mais commum na Africa, e então symptomas apparecem que revelam a sua invasão, como calefrios, vomitos biliosos, materias alvinas esverdinhas, dôr epigastica e no hypochondrio direito, irradiando-se até a espadua do mesmo lado, dyspnéa, e ás vezes ictericia: ora a hepatite e a dysenteria sobreveem conjunctamente, e a reunião de ambas difficulta tanto o diagnostico da hepatite, que pôde esta passar desaperecebida por alguns dias; mas um exame attento de todos os apparelhos, da marcha e do desenvolvimento de todos os symptomas, de accordo com os fornecidos pela palpação e pela percussão, pôde orientar sufficientemente o medico no perfeito conhecimento desta complicação: outras vezes a hepatite é precedente á dysenteria, e segundo Annesley é o modo mais commum nas Indias Orientaes.

As febres intermittentes e as remittentes são complicações tambem frequentissimas nos paizes quentes. Ellas pôdem sobrevir no periodo de estado ou de declinação da dysenteria, sem embaraçar sua marcha regular.

Algumas vezes, bem que raras, a dysenteria segue um typo intermittente; é a intermittente de Torti.

Em muitos casos estas febres revestindo-se do caracter pernicioso, podem no segundo ou terceiro accesso matar os doentes, como observou Monro.

Nos campos de batalha, nas prisões e a bordo dos navios nas viagens longas, onde o ar é viciado, a alimentação má e insufficiente, as bebidas pessimas, a humidade e o frio constantes, o scorbutto associa-se á dysenteria, tornando-a mais grave e devastadora.

## VII.

### **Marcha, duração e terminação da dysenteria.**

A marcha da dysenteria varia segundo sua forma aguda ou chronica, benigna ou grave, sporadica ou epidemica.

Quando é benigna ou grave, a marcha é ordinariamente continua e rapida.

A dysenteria em vez de seguir uma marcha regular e continua, póde manifestar-se sob o typo remittente, apresentando alternativas de remissão e de exacerbação, mais frequentes á noite.

A marcha da dysenteria é mais rapida, quando epidemica, do que quando reveste a forma sporadica.

A dysenteria quando é complicada de hepatite, e esta termina-se pela suppuração, é mais rapida ou lenta em sua marcha, segundo os abscessos estão situados na superficie ou na profundidade do figado.

A marcha da dysenteria chronica é frequentemente lenta e recrudescente.

Na dysenteria as recahidas e reincidencias são mui frequentes.

A falta de regimen é uma das causas que mais concorrem para taes phenomenos.

A marcha, a intensidade e as complicações diversas a que está sujeita a dysenteria, o seu tratamento e muitas outras circumstancias tem uma influencia notavel em sua duração.

A dysenteria grave é mais longa, ordinariamente prolonga-se de 10 a 15 dias.

A benigna termina-se ás mais das vezes favoravelmente; o contrario succede com a forma grave, principalmente quando epidemica, cuja terminação mais frequente é a morte, o que faz Ozanam consideral-a, como uma das molestias que mais victimas sacrificam.

A dysenteria nos paizes quentes termina-se muitissimas vezes pela passagem ao estado chronico, principalmente nos estrangeiros que procuram habitar esses paizes.



## VIII.

### **Diagnostico da dysenteria.**

Esta molestia tem symptomas pathognomonicos tão constantes, como dôres abdominaes, tenesmos e a natureza da excreção, que é inteiramente impossivel confundil-a com as differentes especies da enterite, com as hemorrhoidas internas, a cholera-morbus, as colicas de cobre e o cancro do recto. E como nessas molestias ha alguns symptomas, que tambem são communs á dysenteria, trataremos de discriminall-as.

Na enterite, na colite e entero-colite, se bem que possam sobrevir dôres abdominaes, tenesmos e dejeções liquidas, com tudo estas são ordinariamente amarellas ou esverdiuhadas, em maior quantidade; e quasi sempre não são precedidas de tenesmos: entretanto que na dysenteria as evacuações são mais frequentes, em menor quantidade, e são mucoserosidades sanguinolentas e puriformes, contendo quasi sempre pedaços da mucosa intestinal, havendo tenesmos constantes. A enterite não é contagiosa nem epidemica; e ás mais das vezes pôde-se attingir a sua causa.

O fluxo hemorrhoidal é muitas vezes acompanhado de dejeções muco-sanguinolentas e tenesmos, symptomas que pôdem levar o medico pouco experiente a confundir esta molestia com a dysenteria; mas attendendo-se a que no fluxo hemorrhoidal a prostração das forças não sobrevem, senão depois de muitos dias e de grandes perdas sanguineas, que os symptomas geraes não são tão exaggerados, que o sangue é excretado quasi sempre sem dôr, e que pôde correr até nos intervallos da defecação que ha constantemente constipação, e que além disso o exame do recto pelo toque e pelo speculo demonstra a existencia de botões hemorrhoidaes, facilmente distingair-se-hão estas duas molestias.

Na cholera-morbus os vomitos rebeldes, as dôres abdominaes atrozes, a prostração extrema, a pequenez do pulso, o resfriamento do corpo, a diminuição da secreção urinaria, symptomas que tambem pertencem á dysenteria, pôdem á primeira vista infiltrar no spirito do pratico alguma duvida; mas o medico attendendo a marcha mais rapida daquella, a natureza das evacuações inteiramente differente e semilhan-

te á agoa de arroz, a raridade dos tenesmos, a pertinacia dos vomitos e outros symptomas como as cainbras e a cyanose, não confundirá as duas entidades morbidas tão distinctas.

Havendo tambem na colica de cobre symptomas que se manifestam na dysenteria, devemos para mais claresa de diagnostico traçar os caracteres distinctivos.

Na colica de cobre as dejeções amarellas ou esverdinhadas e não sanguinolentas, a marcha mais rapida, e em caso de duvida os commemo-rativos, decidirão do diagnostico.

No cancro do recto as alternativas de constipação e de diarrhéa, principalmente no começo da molestia, sua marcha, a cachexia e os signaes certos que adquirimos pelo toque rectal e pelo speculo, não deixarão duvida alguma entre estas duas molestias.

## IX.

### **Prognostico da dysenteria.**

O prognostico da dysenteria sporadica, que é quasi sempre benigna, ordinariamente é feliz.

Durante as epidemias de dysenteria é que o seu prognostico apresenta mais gravidade.

Dentre as complicações da dysenteria as que mais concorrem para a sua gravidade, são a peritonite, que ás mais das vezes é devida á ruptura dos intestinos, e a hepatite quando termina pela suppuração.

O medico deve attender bem para esta complicação, afim de não confundir os calefrios e os accessos de febres, que annunciam a suppuração hepatica, com a complicação intermittente da dysenteria.

O prognostico da dysenteria chronica é as mais das vezes desfavoravel, especialmente nos velhos.

Quando a dysenteria tem chegado a um ponto tal que as dejeções tornam-se mui fetidas, purulentas, e de envolta com membranas intestinaes; quando sobrevem soluços frequentes, prostração extrema, invasão de aphthas na mucosa bucal, decomposição da physionomia, intermittencia e irregularidade do pulso e o resfriamento de todo corpo, devemos recciar o desfecho fatal da molestia.



## X.

### **Dã anatomia pathologica da dysenteria.**

A anatomia pathologica da dysenteria não é uma conquista dos modernos.

No tempo em que a anatomia pathologica ainda era um sonho, quando era um sacrilegio dirigir as mãos sobre as entranhas dos cadaveres, já Hyppocrates havia reconhecido, como lesões constantes e caracteristicas da dysenteria, as ulcerações intestinaes. Celso e Galeno tambem as consideravam. Coelius Aurelianus cria tanto na constancia dellas, que assim definia a dysenteria—*rheumatismus intestinorum cum ulcera*. Muitos dos modernos, como Geli Cattelup e Cambay julgam-nas infalíveis. O Sr. Thomaz sustenta tambem a existencia de taes ulcerações, exprimindo-se do modo seguinte: *l'ulceration de la muqueuse est un caractère aussi essentiel dans la dysenterie, que les phlyctènes dans l'érysipèle, le bourbillon dans le furoncle, le pus dans la phlegmasie du tissu cellulaire*.

As ulcerações intestinaes passaram longo tempo como manifestações morbidas essenciaes á dysenteria, até que Sydenham e Uillis apresentaram-se em campo, negando sua infallibilidade.

Não somos tão exagerado como o Sr. Thomaz, nem tão receioso como o Sr. Stoll que reputam-nas mui raras; pensamos com Fournier e Vaidy, que as ulcerações não são essenciaes á dysenteria; por quanto não são encontradas muitas vezes em individuos, que succumbiram dessa molestia, revestindo-se da forma mais grave.

Os individuos que perecem de dysenteria apresentam constantemente a mucosa do cœcum, do colon e do recto com injeções irregulares e mui sensiveis em certos pontos, offerecendo a côr differentes gradações desde o roseo até o vermelho mais escuro. A mucosa é hypertrophiala, ás vezes adelgaçada, amollecida e alcatifada de relevos devidos á edemacia das tunicas cellular e muscular, e á contração permanente de suas fibras.

A cavidade intestinal estreitada em certos pontos, dilatada em outros por gazes e materias alvinas, é de ordinario banhada por liquidos albuminosos, sanguinolentos, puriformes: a mucosa é erivada de pontos

negros, salientes, que não são mais do que os folliculos intestinaes hypertrophiados.

São estas as alterações anatomicas, que observam se ás mais das vezes nos individuos que succumbem da dysenteria benigna.

Na dysenteria grave, principalmente quando epidemica, alem das alterações que acabamos de indicar, encontraremos na mucosa do cœcum, do colon e do recto ulcerações que são em numero maior no *s ilia-*co e no recto, sobretudo na dysenteria dos paizes quentes. Estas ulcerações que a principio são pequenas e de fórma arredondada, estendem-se, reúnem-se e apresentam fórmas irregulares e bordos cortados perpendicularmente. Os Srs. Thomaz e Gelli affirmam que estas ulcerações começam pelos folliculos intestinaes, os quaes rodeados de uma ulceração principiante, são representados por pontos negros acinzentados.

Estas ulcerações são quasi sempre cobertas de falsas membranas acinzentadas ou amarelladas, as quaes tambem pôdem existir na superficie da mucosa intestinal, quando desprovida de ulceras; limitam-se quasi sempre á mucosa e ao tecido cellular submucoso; algumas vezes interessam o tecido muscular, deixando visivelmente descobertas as suas fibras: nos casos graves pôdem invadir a tunica serosa, dando logar á perfuração intestinal.

Na fórma grave da dysenteria algumas vezes encontra-se escaras gangrenosas ennegrecidas, as quaes depois de sua quêda deixam ulcerações mais ou menos profundas.

Além destas alterações anatomicas que são constantes, pôdemos encontrar outras de pouca importância nos orgãos vizinhos.

Algunas vezes a inflamação estende-se dos grossos intestinos ás ultimas porções dos intestinos delgados, e na fórma adynamicâ: não é raro acharem-se ulcerações nas visinhanças da valvula ileo-cœcal.

O figado é ás vezes hypertrophiado, amollecido, e torna-se séde de collecções purulentas.

A vesicula biliaria é volumosa e cheia de bilis negra, concreta, e muito fetida.

A dysenteria, diz Trousseau, como todas molestias pestilenciaes, tem seus bubões; e na verdade os ganglions mesentericos acham-se quasi sempre inflammados, amollecidos, e até suppurados.

## XI.

### **Pathogenia da dysenteria.**

Connaitre la specificité d'une maladie, savoir qu'elle est causée par tel virus, tel miasme, ou tel venin, c'est avoir trouvé sa nature, resultat immense, qui decide la pratique du medecin, et, comme dans beaucoup des maladies il y a un element spécifique caché, il faut toujours s'appliquer à le decouvrir.

(*Bouchut. Path. gen.*)

Julgamos conveniente para ser mais methodico, e melhor responder a Faculdade sobre o ponto, que escolhemos, acompanhar a molestia desde o seu principio, demonstrando as causas e circumstancias mais favoraveis a seu desenvolvimento, descrevendo os seus symptomas e as lesões morbidas que sóem manifestar-se, afim de com estes dados penetrarmos no intimo do organismo e explicarmos a causa proxima ou sua pathogenia.

Erroneo ha sido o modo porque a pathogenia da dysenteria tem sido interpretada por diversos pathologistas. E assim devia ser; por quanto muitos delles queriam enconral-a no predominio de certos symptomas: assim succedeu a Cœlius Aurelianus, a Askenside e a Stoll que consideravam-na identica á do rheumatismo, porque os doentes accusavam dôres nos membros inferiores e nas nadegas.

Alexandre de Tralles e Berendes faziam-na consistir em uma molestia, que participava conjunctamente da affecção rheumatismal e da catarral.

Basquillon admittia como causa proxima uma constricção intestinal.

Paulo Frank exprime do seguinte modo a respeito da natureza da molestia: « A molestia que occupa a membrana mucosa da garganta, a saber, o começo do tubo alimentar, e a que tem sua séde no anus, ou no recto, isto é, no fim do mesmo tubo, não constituem affecções differentes. A angina membranosa e ulcerosa assemelha-se inteiramente á dysenteria grave, principalmente a maligna: a angina não é uma molestia

essencial, mas symptomatica da constituição reinante, ou de uma febre qualquer. O mesmo se dá com a dysenteria, que será contagiosa, se a febre de quem ella é symptomatica, depender de um principio contagioso. »

Degner e Zimmermann attribuiam a pathogenia da dysenteria á bilis alterada por um principio morbifico, e o Dr. Sigand a um orgasmo do figado dando logar à hypersecreção de bilis acre e corrosiva que derramada nos intestinos os ulcerava.

Pensar assim é confundir a complicação hepatica tão commum na dysenteria com a pathogenia da molestia: é evidentemente tomar o effeito pela causa.

Fouquet julga ser a dysenteria uma nevrose spasmodica clonica, cuja séde é o grande sympatico.

Broussais, Roche e Sanehon, Blache, Chomel e o Dr. José Bento da Rosa pensam que ella é uma molestia essencialmente inflammatoria. O Dr. Bento diz: « Si a dysenteria muitas vezes não cede aos meios anti-phlogisticos, é porque nas inflammações dos órgãos excretorios e reservatorios as substancias por elles excretadas os irritam excessivamente, de modo que a irritação excede aos beneficios, que esperamos produzir com o emprego dos anti-phlogisticos. »

Broussaisistas que reconheceis na dysenteria um elemento simples e meramente inflammatorio, eliminai do quadro nosologico das febres essenciaes a dothienteria de Bretonneau, e collocai no das gastro-enterites; vós que somente attendeis para os symptomas locaes, e confundis a séde de predilecção da dysenteria com sua natureza, quando vos fôr confiado algum doente de dysenteria grave, não attendais á circumstancia alguma; sangrai-o, e em vez de arranca-lo do leito da morte, tereis ante vós mais uma victima que succumbirá á vossa logica anti-racional.

Grisolle, Rostan e Trousseau consideram que a dysenteria é uma colite especifica.

Attentando na marcha assustadora que leva muitas vezes a molestia, observando as diversas complicações que veem aggraval-a, como hemorragias, symptomas nervosos, e demais sua contagiosidade, e muita vez a improficuidade dos meios mais racionalmente empregados para debellal-a, pensamos com os tres eminentes pathologistas acima mencionados, que a dysenteria é uma molestia especifica, dependente de uma alteração do sangue ainda não conhecida.

E qual é esta alteração? O futuro nôl-o responderá.



## XII.

### **Tratamento da dysenteria.**

Não ha molestia, cuja therapeutica não seja invadida pelo malvado charlatanismo.

Não é necessario remontarmo-nos ás eras transactas, em que a therapeutica das molestias limitava-se ás simples formulas transcriptas nas paredes dos templos, para vermos na therapeutica da dysenteria o emprego de substancias essencialmente inertes. Não. Em epochas, que não muito distam de nós, a therapeutica da dysenteria resentia-se de muitos preconceitos: consideravam infalliveis no tratamento desta molestia os excrementos dos cães, o vinho misturado com ossos humanos, a cêra e outras substancias.

Deixando de parte taes substancias, nos occuparemos somente dos medicamentos mais preconizados, e que mais vantagens tem apresentado na cura da dysenteria. Desde já promettemos não descer á analyse do modo de obrar delles, por quanto um trabalho limitado e conciso como o de uma thèse, não permite.

Quando no Val-de-Grace retumbava a voz eloquente de Broussais, e a inflammação dominava todo campo pathologico, a medicação anti-phlogistica era a unica e a mais racionalmente preconizada por Broussais e seus adeptos, que arrastados pela doutrina em que as concepções vagas e inconsistentes suppriam a sã e desinteressada observação, empregavam-na em qualquer forma que a dysenteria se manifestasse.

Não excluimos a sangria da therapeutica da dysenteria, mas della não abusaremos como os sectarios da doutrina de Val-de-Grace, nem como O'Halloran que abria a veia até que os doentes cahissem em syncope.

Nós que reconhecemos na dysenteria um character especifico, assim, como a tendencia a revestir-se quasi sempre da forma adynamica, não lançaremos mão desse meio, senão prudentemente e quando ella revestir-se da forma inflammatoria.

Nos casos em que a hepatite for muito energica, preferiremos a applicação de algumas sanguessugas na região hypochondriaca direita ou

no anus e na parte interna da coxa, segundo a pratica de Trousseau e Parmentier.

Muito bem disse o Dr. Segond—*póde haver mais perigo no emprego intempestivo da phlebotomia na invasão da dysenteria, do que dos adstringentes no periodo da declinação.*

Haspel na Algeria, e o Dr. Saulnier no Brasil proscrevem absolutamente o uso das depleções sanguineas.

Quando reinavam as ideias humoristas, e que ligava-se a pathogenia da dysenteria á bilis acre, accumulada nos intestinos, a medicação evacante era posta em pratica por Degner, Zimmermann e Pringle, como a unica capaz de expurgar do organismo aquelles humores viciados; mas logo que as ideias da doutrina de Broussais produziram uma revolução no mundo scientifico, a medicação evacante foi como que esquecida: então a lanceta, a mistura salina e as cataplasmas emollientes formavam todo o arsenal therapeutico dos Broussaisistas.

Em 1823 o Sr. Bretonneau observando os perigosos excessos da doutrina de Broussais e os infelizes resultados, que a medicação anti-phlogistica todos os dias colhia, começou a experimentar a medicação evacante, tão gabada por Stoll.

Os innumerados factos de cura, obtidos por esta medicação, fiseram que quasi todos os medicos a empregassem com profusão; e, na verdade, a medicação do celebre medico do hospital de Tours, foi considerada como meio mais poderoso para combater a dysenteria.

Os purgativos mais empregados eram os sulfatos de magnesia e de sódá, o sal de Seignette e o oleo de ricino.

Trousseau referindo-se á medicação evacante na cura da dysenteria assim se exprime: « Este methodo foi o que por muito tempo adoptei, e o que me prestou relevantes serviços em differentes epidemias.

Em uma epidemia de dysenteria, que grassou em Gibraltar no anno de 1812, o Dr. Amiel cirurgião Inglez, partilhando as mesmas ideias que os seus compatriotas, *que sem mercurio não ha medicina*, teve a feliz lembrança de recorrer ao emprego do calomelanos a vapor: administrou-o na dose de 18 grãos pela manhã e á noite, até que as evacuações perdessem o character muco-sanguinolento e tornassem-se de côr verde: diminuia pouco a pouco a dose, e finalmente substituia-o por clysteres.

As glorias conquistadas por esta medicação foram taes que a direcção do corpo de saúde militar estabeleceu uma lei absoluta para que todos os medicos do mesmo corpo usassem da medicação do cirurgião Inglez.



Muitos medicos que em paizes diversos tem lançado mão do calomelanos, attestam a sua efficacia.

Haspel diz ter visto na Algeria dysenterias gravissimas desaparecerem, como por encanto, pelo emprego do calomelanos na dôse de 36 grãos.

O Sr. Leclerc em vez de empregal-o em alta dôse, prescreve na dôse de 1/5 de grão pela manhã e á noite, augmentando todos os dias a mesma dôse. Para acalmar as colicas e os tenesmos preconisa fricções de pomada de belladona no ventre.

Todos os praticos estão de accordo sobre a sua maior efficacia na fôrma biliosa.

Resta-nos fallar de uma substancia de summa efficacia, e cujo uso entre nós é popular.

A ipecacuanha que segundo Baglivi é *infallibile remedium influxibus dysentericis, aliisque hemorrhagis*, muito tempo antes de sua introdução na therapeutica Franceza era reconhecida no Brasil, como a raiz anti-dysenterica.

Os praticos diversificam quanto ao methodo de sua applicação; uns, como Pringle, prescrevem em dôse capaz de produsir vomitos e algumas dijecções, 5 grãos repetidos tres vezes ao dia: outros em dôses fraccionadas, que apenas provoquem nauseas. Este modo de administração excitando a diaphorese, e debilitando excessivamente os doentes, não deve ser applicado na forma adynamica; outros administram-na em dôse vomitiva, e muitos preferem a decocção ou a infusão.

O effeito da ipecacuanha na dysenteria, dizem Trousseau e Pidoux, é tanto mais certo, quanto tem ella produsido evacuações.

Delioux pensa que de qualquer modo que se administre, sua proficuidade é reconhecida.

Na forma biliosa a sua indicação é mais racional, e os seus effeitos mais infalliveis.

Alguns praticos, taes como Haspel, Catteloup, Cambay na Asia e Africa, e entre nós os Srs. Drs. Sigaud e Saulnier associam a ipecacuanha ao calomelanos, e consideram a reunião de ambas as substancias, como meios poderosos. Outros como Monard, Segond, Delioux reúnem estas mesmas substancias ao opio.

Roche e Sanchon dizem que o opio é util na dysenteria pouco intensa, apiretica, e é muitas vezes prejudicial em circumstancias oppostas.

O Sr. Trousseau diz: «Si o opio é indicado algumas vezes no fluxo dysenterico, é para combatel-o, e para moderar as dôres que o acompa-

nam, e principalmente para parar os vomitos, que tornam impossivel a administração dos outros remedios. Em pequenas doses é que convem empregar-o, sob pena, de vêrdes a molestia complicar-se de symptomas typhicos graves, se o derdes em doses elevadas.

Além das substancias que acabamos de apresentar e que formam a base da therapeutica, da dysenteria, ha outros a que alguns medicos ligam muita importancia e consideram como coadjuvantes: queremos falar do nitrato de prata dos sulfatos de cobre e de zinc, do acetado de chumbo e do iodo, empregados em clysteres.

Masselot e Follet aconselham os clysteres de nitrato de prata, como meio efficaç, principalmente quando as forças dos doentes acham-se abatidas Trousseau emprega não só os de nitrato de prata, como tambem os de sulfato de cobre e de zinco, e de acetato de chumbo. Eimer e Delioux preferem os de iodo.

Ha occasiões, no curso da dysenteria, quando a pelle é secca e arida, que convem o emprego dos diaphoreticos. Os mais usados são o acetato e o chlorydrato de ammouiac. Annesley pensa que o opio associado á ipecaecuanha preenche esta indicação

As bebidas acidulas, emmollientes, as cataplasmas emmollientes e narcoticas, e os banhos môruos são meios que os praticos não devem desprezar, e que são de muito allivio para os doentes.

Na fórma adynergica os tonicos são de palpitantes necessidades. As decoções de quina, de simaruba, de calumba, a agoa Ingleza e o vinho satisfarão esta indicação.

Na forma ataxica devemos recorrer á camphora, ao musgo e á outros antispasmodicos para combater os accidentes nervosos, assim como aos vesicatorios.

Nos casos em que a febre intermittente complica a dysenteria, ou que esta reveste-se do typo intermittente, ou dos caracteres da febre pernicioso, o sulfato de quinina deve ser applicado.

Quando a dysenteria complica-se de hepatite, os meios a empregar não differem dos que já mencionamos; os purgativos, o calomelanos, as bebidas e as cataplasmas emmollientes, e as fricções de pomada mercurial, são sufficentes para debellar a inflamação: nos casos em que a hepatite ameaçar terminar-se pela suppuração, applicar-se-hão largos vesicatorios sobre o abdomen.

Para completarmos o tratamento da dysenteria, diremos que não convem condemnar os doentes a uma diéta absoluta, e que se deve administrar-lhes caldos, mingãos de substancias feculentas, decoções de arroz, &c.

Na dysenteria chronica as depleções sanguineas geraes devem ser absolutamente proscriptas.

Os tonicos, os adstringentes, os clysteres causticos e adstringentes, e uma alimentação animal são os meios que mais aproveitam.

Muitas vezes a molestia zomba de todos esses meios, e não cede, senão com a mudança de clima,







# SECÇÃO ACCESSORIA.

---

## PROPOSIÇÕES.

### **HA SIGNAES CERTOS DE PLENHEZ? EM QUE CASOS E COM QUE FUNDAMENTOS PÓDE O MEDICO LEGISTA ASSEGURAR QUE A MULHER NÃO ESTA' GRAVIDA?**

1.—O medico consciencioso jamais póderá affirmar estar gravida uma mulher nos quatro primeiros mezes.

2.—Nesta epocha os signaes racionaes, reunidos ás modificações do corpo e do cóllo uterino, constituem muita probabilidade.

3.—Os signaes racionaes ou accessorios, per si sós, são de pouco valor no diagnostico da prenhez.

4.—O complexo, porém, de taes signaes constituirá a maior probabilidade, e nunca a certeza.

5.—Na mulher primipara os signaes fornecidos pelas mamas são de grande valor.

6.—Diversos estados morbidos pódem simular uma prenhez.

7.—Só do quinto mez em diante é que o medico poderá asseverar a existencia da prenhez.

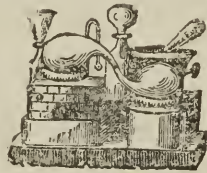
8.—As modificações do corpo e do collo do utero, reunidas aos movimentos do feto, são signaes quasi certos.

9.—A auscultação das pulsações do coração do feto é o unico signal certo de prenhez.

10.—Do quinto mez em diante não ha circumstancia alguma, á excepção da morte do feto, que impeça serem estas pulsações ouvidas.

11.—Nos quatro primeiros mezes de uma prenhez é tanto difficil affirmal-a, quanto negal-a.

12.—A prudencia, a honra do medico consciencioso, exigem que elle faça exames diversos e minuciosos, à fim de affirmar peremptoriamente a existencia da prenhez.







# SECÇÃO MEDICA.



## PROPOSIÇÕES.

### ACÇÃO PHYSIOLOGICA E THERAPEUTICA DAS PREPARAÇÕES IODADAS.

- 1.—O iodo determina sobre os tecidos effeitos locais de irritação e até de escharificação.
- 2.—Este agente é um verdadeiro anti-septico.
- 3.—Após sua absorpção apresentam-se effeitos geraes de excitação.
- 4.—A circulação activa-se, o calor da pelle augmenta-se, apparecem exantheas agudos, cephalalgia frontal, zunido nos ouvidos, offuscação da vista, corysa, e inflammação da garganta, formando um pequeno esboço do que se denomina iodismo.
- 5.—As preparações iodadas administradas em pequenas doses actuam como tonicos.
- 6.—Em doses elevadas obram como alterantes.
- 7.—O iodo e suas preparações exercem sobre as glandulas tyroides, as mamarias, e as testiculares uma acção electiva, que se traduz pela atrophia dellas.
- 8.—Dahi o seu emprego no bocio.
- 9.—As preparações iodadas não teem a mesma efficacia em todas as especies do bocio.
- 10.—As preparações de iodo formam uma medicação poderosa no tratamento do vicio scrofuloso.
- 11.—É em virtude de suas propriedades resolutivas que o seu emprego topico tem sido aconselhado na hydrocele, nos derramamentos das articulações e da cavidade peritoneal.

12.—Nas molestias cutaneas, quer de natureza scrofulosa, quer dartoza, as preparações iodadas administradas interna e externamente muito aproveitam.

13.—A injeção da tinctura de iodo na tunica <sup>vaginal</sup> ~~eserotar~~ é o meio mais eficaz para a cura radical da hydrocele.

14.—Em alguns casos de ascite, dependente de uma peritoníte chronica, ou de uma hypersecreção irritatoria da tunica peritoneal, quando tenham sido mallogrados todos os meios therapeuticos, as injeções iodadas pôdem ser tentadas.

15. Nas manifestações terciarias da syphilis as preparações iodadas são meios poderosissimos.





# SECÇÃO CIRURGICA.

---

## PROPOSIÇÕES.

### **ORIGEM, SÉDE E RUÍDO DE PRODUÇÃO DE SOPRO DE FOLLE QUE SE OUVI NO VENTRE DAS MULHERES PEJADAS**

1.—Applicando-se o sthetoscópio sobre o ventre das mulheres pejadas, logo que o útero eleva-se acima do estreito superior, ouve-se, em geral, um ruído de sopro isochrono ao pulso.

2.—Esse ruído apresenta as mesmas variedades de rhythmó e timbre, que as que se manifestam na chlorose.

3.—Os pontos em que mais frequentemente ouve-se o ruído de sopro, são as partes inferiores e lateraes do ventre.

4.—As theorias creadas até o presente a cerca da séde e produção do ruído de sopro das mulheres pejadas, são insufficientes para explicar perfeitamente as variedades de posição e de intensidade deste ruído.

5. Durante o trabalho do parto este ruído soffre modificações em seu timbre e em sua intensidade, proporeionaes á energia das contracções uterinas.

6.—O ruído de sopro de folle não produz-se na inserção placentaria.

7.—O sangue das mulheres pejadas, como o das chloroticas, muitas vezes apresenta as mesmas alterações em sua composição.

8.—O ruído de sopro nas mulheres pejadas tem por séde, indubitavelmente, as arterias existentes no plano posterior do ventre.

9.—A produção do ruído de sopro não só é devida á compressão dessas arterias, senão tambem á alteração do sangue, verificada pelos Srs. Caseaux e Beau.

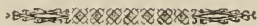
10.—O ruído de sopro, insulado dos outros signaes de prenhez, não tem importancia alguma pratica.

11.—Pelo ruído de sopro não póde-se determinar a séde da inserção placentaria, a posição do fêto, nem tão pouco o estado de saúde e de padecimento do mesmo.

12.—Nas prenhezes duplas o ruído de sopro não soffre modificações algumas em seu rhythmo e timbre, que não possam dar-se nas prenhezes simples.



# HYPPOCRATIS APHORISMI.



1.º

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experientia fallax, iudicium difficile.

(Sect. 1. aph. 1.º)

2.º

In omni morbo, mente valere, et bene habere ad ea quæ offerentur, bonum est.

(Sect. 2. aph. 53.)

3.º

Ubi fames non oportet laborare.

(Sect. 5. aph. 16.)

4.º

Si à dysenteria detento velut carunculæ secesserint, lethale est.¹

(Sect. 4. aph. 26.)

5.º

Quæ in utero gerunt, harum os uteri clausum est.

(Sect. 5. aph. 51.)

6.º

Si mulieri purgationes non prodeant, neque horrore, neque febre superveniente, cibi fastidia accidant, prægnantem esse putato.

(Sect. 5. aph. 61.)



Remettida a Commissão revisora. Bahia e Faculdade de Medicina 23  
de Setembro de 1864.

Dr. *Gaspar.*

Está conforme os Estatutos. Bahia 12 de Outubro de 1864.

Dr. *Cunha Valle Junior.*

Dr. *Alvares da Silva.*

Dr. *Luiz Alvares.*

Imprima-se. Bahia e Faculdade de Medicina 18 de Outubro de 1864.

Dr. *Baptista.*



